Teatro da solidão solidária como instrumento de inclusão social

Márcia RIBEIRO[1] ; Lourdes MACENA[2]

[1]Graduanda do Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE), Rua Boa Esperança, 526 B, Parque Genibaú, CEP 60534 170 Fortaleza-CE (85) 96488227/85929036. e-mail: marciaribeiro_11@hotmail.com
[2]Doutoranda e professora do Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Ceará. e-mail: lourdesmacenacnf@gmail.com

Resumo: Este trabalho tem como principal objetivo investigar o modo como se articula o Teatro da Solidão Solidária, método criado pelo diretor de teatro Ivan Antônio, como instrumento de inclusão social, destacando a visão do autor com base em laboratórios com moradores de rua, em oficinas teatrais e nos espetáculos, Mil Operários em Construção e A Caminho da Ternura. O diretor visa por meio desta inclusão o encontro entre diferentes segmentos sociais em que o teatro torna-se uma ponte de aproximação e reconhecimento, no intuito de gerar uma reflexão que resulte em uma consciência de seu papeis, sobretudo, importância como ser social.

Palavras-chave: a caminho da ternura, teatro engajado, teatro do oprimido, teatro da solidão solidária

1.INTRODUÇÃO

Conheci Ivan Antônio em São Paulo em 1998. Na ocasião ele estava montando e produzindo um texto teatral de sua autoria, “Um Sanatório para Freud”, então conversei com ele sobre a possibilidade de um teste para poder participar do espetáculo, foi quando tive conhecimento da pesquisa que realizava com moradores de rua. Em sua história me chamou atenção, o fato dele ter deixado o emprego de gerente em uma importante rede de livrarias em São Paulo e relativa estabilidade, para poder se dedicar à pesquisa de seu método.

Por dois anos fui aluna de Ivan e diversas vezes tive a oportunidade de vê-lo nas ruas vestido de mendigo, puxando uma carroça repleta de coisas e papelão. Ficava impressionada com a disposição com que ele vivia esses momentos, agindo, comendo, dormindo, se comportando como se de fato fosse um morador de rua, sentindo literalmente o preconceito e a dor de ser tratado como um excluído.

Ivanildo Antônio da Silva, conhecido como Ivan Antônio, nasceu em Arco Verde, PE em 1964. É Poeta, Dramaturgo e Diretor de Teatro. Criou em São Paulo na década de 90, durante dez anos de pesquisa sobre a solidão humana, O Teatro da Solidão Solidária, método de inclusão social que desenvolveu até 2004. Para criar o método que Ivan define como ainda em construção, o diretor dorme de cinco a dez dias por ano nas ruas de grandes metrópoles com mendigos, prostitutas, crianças, velhos abandonados, sem que estes saibam que entre eles está um dramaturgo e diretor de teatro.

Após dez dias Ivan retorna à sua casa e uma semana depois reaparece entre aqueles com quem mendigou, dormiu debaixo de pontes, marquises, albergues, e repartiu as calçadas frias de praças e igrejas. Depois de se identificar, convida os novos amigos a conhecerem as organizações (Ongs, escolas, empresas, universidades) em que ministra aulas de teatro. Nesses espaços o método é partilhado por advogados, empresários, jornalistas, psicólogos, estudantes, professores, policiais, entre outros que recebem esses moradores de rua e os integra ao grupo.

Além do Brasil o método tem sido utilizado em países da América latina e Europa (Argentina, Uruguai, Portugal, França, Dinamarca, Inglaterra, Espanha, Itália), o diretor utiliza a metodologia em todos os lugares onde ministra aula para provocar esse grande encontro.

A partir deste universo, a presente pesquisa procura investigar as relações sociais, dialogando com questões que oprimem o homem, a exemplo de: vazio, arrogância e solidão. A inclusão social proposta pelo autor, buscará em suas experiências, uma concretude através do encontro teatral.

O mundo contemporâneo enfrenta uma crise gerada por ausência de paz, saúde, educação, sobretudo, respeito. A propósito de alguns dos valores humanos que tem se perdido ao longo dos séculos em meio a guerras constantes sócio-políticas-culturais. Capitalismo, globalização, século XXI

ISBN 978-85-62830-10-5
VII CONNEPI©2012

- ápice de avanços tecnológicos em uma era virtual. Seriam esses motivos o pivô de povos que se propõem a conectar uns com os outros, viverem paradoxalmente tão isolados?

Uma disputa acirrada desmedida lançam pessoas para um abismo de depressão, a exemplo do grande mal de nosso século. Não há tempo a perder. Parar com tranquilidade por alguns instantes com o propósito de compartilhar algo olhando nos olhos do outro, tem sido uma atitude cada vez menos frequente até com os que estão mais próximos. Pode parecer piegas, mas um encontro que possibilite um contato real entre pessoas, tem perdido para alguns sua peculiar importância, devido à pouca valorização, entretanto, esses momentos mais do que necessários, representam a saúde psicossocial do indivíduo e de uma nação.

O Teatro da Solidão Solidária objetiva resgatar um diálogo latente entre os diversos segmentos sociais, que os aproxime e aponte possibilidades de mudanças na relação entre eles, no caso de empresários com moradores de rua, policiais com ex detentos, assim por diante, no intuito de despertar o desejo de construírem juntos o alicerce de uma realidade melhor para todos e não para minorias. A compreensão por parte destes segmentos do que vem a ser uma genuína parceria entre eles, é o principal objetivo do método.

2.MATERIAL E MÉTODOS

A presente pesquisa teve origem a partir de observações, diálogos e vivências com moradores de rua, em oficinas teatrais realizadas no centro de artes, Espaço Cultural Livre em São Paulo, no período que compreende 1998 a 2000, seguindo diálogos recentes com o diretor Ivan Antônio acerca da evolução e difusão do método Teatro da Solidão Solidária, e um levantamento bibliográfico sobre o mesmo e sobre Arte Engajada.

3.RESULTADO E DISCUSSÃO

Na capital paulista, além de espaços alternativos, empresas e universidades que Ivan ministrava aulas, o Teatro da Solidão Solidária também foi aplicado para índios da nação Guarany e durante 4 anos na FEBEM. Os adolescentes que faziam aulas de teatro, quando saiam de lá (liberdade assistida), eram convidados a continuar as oficinas com o professor no Espaço Cultural Livre (Centro de Artes que Ivan coordenava no bairro nobre da zona oeste, Jardim Paulista). A cada três meses o diretor convidava todos os núcleos para uma aula em conjunto, definindo o grande encontro como uma celebração entre policiais com ex detentos, mendigos e meninos da FEBEM com empresários, todos com um único desejo: Um ajudar o outro.

Da união dessas oficinas nasceu o projeto Mil Operários em Construção, com direção de Ivan Antônio, peça que participei com 1000 artistas em cena. As apresentações seguiram em São Paulo, no Parque Villa Lobos, em 1999. Sucesso de público e crítica, o espetáculo levou o diretor a vários programas de televisão.

A propósito das últimas oficinas que antecederam o processo de montagem, me perguntei como seria possível aproximar aquelas pessoas de modo que entendessem o quanto eram importantes para a construção de um espetáculo bem sucedido. Vale ressaltar, que o bem sucedido ao qual me refiro, não se restringe a cenas bem dirigidas e interpretadas, mas essencialmente, se daria na compreensão transcendente a razão dos participantes, do fenômeno gerado no contato com o outro através de uma esfera teatral.

Algumas pessoas se mantinham relativamente afastadas do grupo, outras pareciam estar ali por falta de opção. Havia aquelas curiosas na criação de cenas teatrais, enquanto outras, apenas observavam. Diversas personalidades e comportamentos eram distinguidos, o que não era claro, era como o diretor conseguiria atingir o objetivo de ir além de uma simples montagem.

Deu-se início os ensaios. Dias de encontro foram passando enquanto as pessoas se integravam paulatinamente no processo de montagem que durou seis meses. Então pensei: será que esse interesse conjunto é resultado de todo processo artístico, seja na dança, música, teatro... É claro que a resposta poderia estar na pergunta, já que a arte teatral, atividade a qual me refiro, naturalmente, socializa. Confesso tênue a linha de aproximação entre pessoas, sendo que esta poderia ter sido gerada por meio

de um processo natural de ensaios ou através do Teatro da Solidão Solidária. No entanto, é possível considerar as duas hipóteses. Sendo assim, o que poderia identificar concretamente nesses encontros a legitimidade do método no processo de inclusão social?

A esse respeito busquei melhor compreender a metodologia a partir de suas origens. O Teatro da Solidão Solidária surgiu como uma arte engajada, próximo a meados da década de 90. O contexto era de globalização e capital global, período que trouxe o progresso tecnológico mais rápido da história. Com isso o homem já começava a perceber o impacto de suas interferências no meio ambiente. O Brasil alcançava em 1994, estabilidade financeira com o Plano Real, sob a presidência de Itamar Franco. Crescia o número de usuários de internet no país. No teatro o experimentalismo alcançava sucesso de público e crítica nos espetáculos Paraíso Perdido (1992) e O Livro de Jó (1995), de Antônio Araújo. O diretor realizava uma encenação ritualizada e utilizava-se de espaços cênicos não convencionais - uma igreja e um hospital, respectivamente.

No final da década de 50, surgiu o que se convencionou chamar de Arte Engajada. Esta teve em Augusto Boal, então diretor do Arena, um de seus representantes. Ele propôs uma teoria do pensamento sensível para o uso prático, isto é: a arte como instrumento transformador da realidade. O Brasil antes mesmo da ditadura, buscava construir uma identidade cultural que refletisse a crise política-sócio-cultural em que se encontrava, na medida em que alguns fatores, como a luta pela reforma agrária, pela participação política-social e a reivindicação pela distribuição de renda, já situavam a apreensão de alguns setores do Brasil, preocupados em fazer da produção cultural um instrumento de luta. Conforme Boal:

> "Nenhuma sociedade fabrica, em "série, os seus cidadãos – somos todos responsáveis por nossos atos". (BOAL, 2005, p.24)

Pensar no contrário seria ignorar o misto da presença de pessoas éticas e inescrupulosas que compõem as mesmas sociedades. Cada indivíduo tem livre arbítrio para construir a sua própria história e isso não é obra de mera fatalidade. Então muito se tem a refletir sobre o que tem produzido individualmente o homem e no por que de suas contribuições negativas ou positivas dentro de um contexto social.

O estudioso norte-americano, Eric Bentley, autor dos famosos livros A Experiência Viva do Teatro e O Teatro Engajado, traz neste último, questões relevantes acerca de uma arte engajada em oposição a arte pela arte. Uma de suas colocações:

> "A missão do Teatro Engajado não consiste em se pronunciar a favor do Engajamento, mas em levar as pessoas a se engajarem". (BENTLEY, 1969, p.174).

A ação nesse caso seria determinante mais do que o discurso. A exemplo de Boal quando defende a ideia de que somos todos responsáveis por nossos atos, caberia nesse contexto a consciência daqueles que lutam por uma causa, exemplificar na prática o que poderia ser um teatro engajado como instrumento de luta, levando pessoas a acreditarem e aderirem ao movimento proposto.

Sobre o Teatro da Solidão Solidária, o criador do método percebeu na década de 90, uma revolução ascendente tecnológica que estreitaria a relação das pessoas com as máquinas em detrimento das relações humanas e com os seres vivos. A esse respeito, a colocação se refere ao homem em harmonia com o cosmos. Surgiu então a ideia de desenvolver um teatro que contribuisse para o resgate do contato humano e uma relação de respeito para com o universo, algo que se perdia, gradativamente. Desde então, Ivan deu início aos seus laboratórios com moradores de rua e criou o Teatro da Solidão Solidária, método que vem desenvolvendo ao longo dos anos, reunindo diversos segmentos sociais em suas aulas.

Voltando ao espetáculo Mil Operários em Construção, fui compreendendo durante a montagem que o propósito maior do diretor, era a troca subjetiva de experiências entre os artistas, um abraço fraterno, um olhar com ternura, a percepção de que todos tinham igualmente importância como ser

social, independente de raça, status ou religião. Os participantes iam percebendo isso no convívio, no objetivo comum do trabalho e no processo de construção coletiva, à medida que as diferenças se extinguiam. O observar o outro a partir de então, sobrepujava a aparência do mesmo. O resultado era uma aproximação entre eles, em seus anseios, angústias, sonhos, sentimentos que nivelam o homem em sua fragilidade e eterna busca em ser feliz.

A empatia gerava uma compreensão de que precisavam uns dos outros e de que todos eram necessários para a existência de uma sociedade mais justa e consciente, o que só ocorreria se cada um fizesse a sua parte.

Essas e outras experiências tive a oportunidade de comprovar durante os anos que acompanhei a pesquisa sobre o Teatro da Solidão Solidária. Vi mendigo deixar as ruas e passar a trabalhar dignamente, vi pessoas secas e sem esperança passarem a ter amor próprio e pela vida.

Após dez anos de pesquisa sobre o método na capital paulista, Ivan retorna à Bahia em 2004, onde viveu sua infância e adolescência, convidado a exercer o cargo de Secretário de Cultura no município de Camaçari. Em 2006 surgiram as oficinas teatrais na cidade baiana, envolvendo 48 comunidades, resultando no espetáculo A Caminho da Ternura, um misto de teatro, música, dança e artes plásticas, um dos mais expressivos acontecimentos artísticos na história da cidade, em comemoração aos 250 anos de emancipação política do município, ocorrida em 1758. As apresentações seguiram nos dias 18, 19 e 20 de janeiro de 2008 no Teatro Cidade do Saber.

Cem índios Tupinambás, cavalheiros, agricultores, pescadores, empresários, professores, cinquenta policiais, estudantes, operários, repentistas, grupos de tradição popular, bailarinos, moradores de rua, portadores de deficiências físicas, pessoas que até então não haviam feito teatro, com artistas consagrados como Paulo Betti e Sérgio Mambert. Juntos deslumbraram plateias durante três dias de efusiva celebração.

A propósito de Mil Operários em Construção, novamente o diretor reuniu 1000 artistas em cena. O espetáculo, A Caminho da Ternura, narra a chegada dos portugueses em Vila de Abrantes, passando pela catequização dos índios, o movimento hippye na aldeia de Arembepe, a implantação do Pólo Petroquímico, até os dias atuais de Camaçari. Segundo Ivan, o espetáculo não se restringe a contar a história da cidade, mas busca relacionar o desenvolvimento da mesma e transformações ocorridas ao longo de sua evolução, com questões política-socioculturais da contemporaneidade.

Atualmente o diretor é secretário de turismo em Camaçari, além de suas atribuições, fomenta um diálogo com secretarias afins para oportunizar grupos e artistas que apresentem projetos relevantes para a disseminação e fortalecimento de uma diversidade cultural na cidade.

4.CONCLUSÕES

Um rito que precede e perpassa o encontro entre segmentos sociais é como defino o Teatro da Solidão Solidária. O diretor ritualiza suas experiências de rua, porquanto é necessário revivê-las para dar continuidade à sua pesquisa. Algumas vezes em suas aulas, o ouvi dizer que em uma orbe marginal, ele havia encontrado excepcional solidariedade em meio a mais profunda solidão. Pessoas absolutamente desprovidas eram capazes de se unir e dividir o que não tinham. Ao conversar com moradores de rua na época em que fizeram oficinas no Espaço Cultural Livre, como teatro, música, dança, capoeira, entre outras, compreendi com maior clareza o que queria dizer Ivan acerca de Solidão Solidária.

Pães e roupas que recebiam eventualmente esses moradores não anulava o contexto de miséria em que viviam, no entanto, não estavam preocupados com a quantidade, se o alimento seria suficiente para saciar a própria fome ou se deveriam guardar uma roupa que estivesse sobrando para o dia seguinte. Repartir era sinônimo de não se sentir só! O passado de cada um, fosse bom ou ruim, não interessava. Nada era empecilho para uma relação entre eles. A cabeça repleta de hipóteses e a dúvida do que fazer, a desesperança muitas vezes de um dia melhor, a existência de um sentimento de empatia e nessa relação o diálogo ou o vazio do silêncio permeava o território do sagrado, revelando

essencialmente, um encontro entre almas. Cuidado mútuo, somente, era o que importava. Todos iguais com suas particulares diferenças, todos humanos, gente, semelhantes.

Durante o período que fiz oficinas no Espaço Cultural Livre em 1998, conheci um mendigo chamado Roosevelt que era violonista clássico, também conversei algumas vezes com um rapaz chamado Glaisson que falava fluentemente três idiomas. Difícil acreditar que pessoas profissionalmente qualificadas possam morar nas ruas, mas é uma realidade que cruza com a de mendigos sem um mínimo de instrução. A propósito, não esqueço um rapaz chamado Roney que dormia nas calçadas da Avenida Paulista em SP e que chegava sujo e faminto no Espaço cultural livre. Por ser localizado num bairro nobre da capital, o espaço era freqüentado por empresários e filhos de empresários, estes recebiam os moradores de rua a princípio com estranheza e distanciamento, mas com a convivência viravam amigos. Roney sumiu das aulas. O encontrei depois e foi grande a minha surpresa e emoção ao vê-lo trabalhando em um carrinho de cachorro quente com mãos limpas e uniformizado.

Nas oficinas de Teatro achava interessante observar os moradores de rua fazendo exercícios com empresários, policiais, professores, pessoas que tinham seus lares, empregos, e na verdade a princípio, nem sabiam que estavam fazendo aula com eles, pois o Espaço Cultural Livre em que os mendigos faziam gratuitamente as oficinas, disponibilizava horários para que estes pudessem tomar banho com antecedência, se alimentarem e posteriormente juntarem-se ao grupo. O momento comum de encontro no teatro unificava os participantes presentes, de modo que o não saber sobre a vida do outro, suas origens, seu passado, seu presente, em nada interferia na relação que se estabelecia em conjunto, todos com um mesmo propósito, uma fusão de energias, um momento sagrado, um rito.

O diretor utilizava exercícios em que corpo e voz tornavam-se instrumentos de solidariedade. O que se via era a realização de um teatro preocupado não apenas com particularidades do aluno-ator, ao contrário, buscava na relação com o divino o bem estar nas relações humanas que se perpetuava no diálogo entre entidades, teatro e cosmos. O respeito e o espaço de todos eram fortalecidos em uma dilatação de olhar coletivo. Importa entender, que teatro está além da esfera palco-atuação. É vida, cotidiano, é se colocar no lugar do outro. Exercícios ou cenas não devem servir apenas para entreter alunos, plateia ou dar ao ator a sensação de dever cumprido, mas sim, despertar as percepções mais introspectivas a se manifestar na abstração de uma palavra, no exprimir de um gesto, na harmonia de um presente silêncio que irá se relacionar com o cotidiano do indivíduo. Esta é a busca essencial do Teatro da Solidão Solidária que se propõe a conectar com o todo, espaço, pessoas, natureza, se engajando em uma visão universal de recíproca reflexão entre os participantes sobre tudo o que compõe a vida.

Depois da aula, a oportunidade dos alunos melhor se conhecerem, muitos se descobriam em universos distantes e diferentes, mesmo assim, eram tomados de uma nova percepção de sí, do outro e da vida. O mendigo não se sentia como um bicho, mas acolhido, respeitado. Entendia que não era, mas sim que estava mendigo. Por outro lado, muitos que até então tinham receios e restrições, percebiam a grandeza e importância do novo amigo, especialmente, o quanto estavam equivocados. Nessas observações fui compreendendo como Ivan trazia suas experiências de rua para o teatro.

Verifiquei que o estado de miséria que contextualiza a realidade do morador de rua, já citado anteriormente, é o aspecto principal e determinante no processo de aproximação entre pessoas que compõem este universo e que talvez nunca tivessem a oportunidade de se encontrar em outras circunstâncias da vida. Diversas experiências, intelectos antagônicos e uma realidade comum de mendicância, a última, capaz de provocar o encontro que permite não apenas aproximar fisicamente indivíduos, mas fazê-los conhecerem-se genuinamente quebrando grilhões de preconceitos. A exemplo de Glaisson, o mendigo que conheci falando três idiomas, quando residia em uma casa, disse-me ser arrogante, aproximando-se de quem achava ser interessante para ele. Quando nas ruas, passou a se relacionar com todos que encontrava. Os valores eram outros, nada mais do que julgava importante, fazia sentido. Percebeu que as necessidades e conflitos relacionados à existência humana

estavam além do exterior, e que apesar de dimensões diferentes, todos passavam pelos mesmos dilemas.

Concluo que Ivan a exemplo de suas observações e experiências de rua, percebeu que ali se encontravam diferentes segmentos sociais e que estes se aproximavam porque havia alguma coisa que era ponto de atração entre eles, no caso, a rua com toda sua precariedade era uma oportunidade de crescimento entre pessoas que compunham esses segmentos. Muitas tinham o objetivo de voltar para sua antiga realidade, casa, família, emprego, enquanto outras, o desejo de recomeçar tudo de novo. Algumas até já tinham sido anteriormente muito bem sucedidas. Histórias se encontravam, falsos preceitos ruiam e todos momentaneamente na pele de moradores de rua.

Da experiência do diretor, nasceu o objetivo de reunir os diversos segmentos sociais, agora em um outro contexto, é aí que Ivan busca aproximá-los propondo uma realidade comum e concreta através do encontro teatral, gerando uma oportunidade primeira desses segmentos se conhecerem, numa perspectiva de romper tabus, gerar mecanismos entre eles capaz de provocar mudanças efetivas em seu meio, a propósito de empresários que possam ofertar empregos a mendigos e assim tirá-los das ruas, o policial em sua maioria visto como corrupto e poucas vezes lembrado fora do exercício de suas atribuições, tem a oportunidade de integrar uma manifestação artística, livre da rigidez em que é submetido no dia a dia de seu trabalho, podendo sensivelmente mostrar o lado de policiais que ainda acreditam em uma segurança pública honesta e de qualidade, defendendo a não generalização de que todos são corrompidamente iguais.

É importante ressaltar, que o Teatro da Solidão Solidária não é uma arte específica para excluídos, o que a tornaria em si excludente e pouca eficácia teria no resultado de seus objetivos. Sua consolidação se dá a partir da relação do homem com sua subjetividade, podendo a mesma, gerar uma consciência que o permita ser realmente solidário com o outro e não um ardiloso representante de boas ações que visa somente o próprio benefício, ou seja, é uma arte para todos em busca de uma coletividade consciente.

Como um método ainda em construção, já frisado nas palavras de seu autor, claro que tem suas fragilidades e não garante que o resultado seja o esperado sempre, já que se destina a trabalhar com o complexo material humano. Em cada experimento, novas descobertas! Desse modo, o diretor dá continuidade à sua pesquisa nas ruas, para melhor compreender a aplicação e viabilidade do mesmo, desenvolvendo sua missão neste longo processo de inclusão social.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao diretor Ivan Antônio pela oportunidade de ter conhecido e compartilhado de um trabalho tão primoroso como o Teatro da Solidão Solidária, à sua filha Laíra Alves que é uma pesquisadora e colaboradora na propagação do método, aos moradores de rua que conhecí, a exemplo de Roosevelt, Roney, Glaisson e todos com quem aprendi e tenho aprendido até hoje, aos diversos segmentos sociais que vi reunidos, agradeço hoje poder acreditar em uma mudança possível a partir do contato entre eles, a Cia. de teatro de Camaçari COCADA, que utiliza a metodologia do Teatro da Solidão Solidária em seus espetáculos, aos atores da companhia de Fortaleza INTROSPECTUS Cia. de Teatro, Wanessa Araújo e Aurélio Barros, também pesquisadores do método, a professora doutoranda, Lourdes Macena, uma guerreira incansável que encoraja e acredita no potencial de seus alunos, a todos que talvez me falte à memória, mas que tem lutado para a construção e realização deste método, meus sinceros agradecimentos.

REFERÊNCIAS

BENTLEY, Eric – Teatro Engajado – 1ª edição – Atheneum Press, Nova York – 1969

BOAL, Augusto – Teatro do Oprimido e outras poéticas políticas – 1ª.ed. – Civilização Brasileira, Rio de Janeiro – 2005

Endereço Eletrônico:
http://www.portalabrantes.com/ver_coluna/18/Minha_Biografia.html (Acessado em 2010)

http://www.solidaosolidaria.com/br/ (Acessado em 2012)

http://www.camacarinoticias.com.br/leitura.php?id=28473 (7 de fevereiro de 2008)

http://www.uel.br/revistas/boitata/volume-9-2010/B904.pdf BOITATÁ, Londrina, n. 9, p. 52-64, jan-jun 2010 (Recebido: 04. mai.11- Aceito: 31.mai.11)

VII CONNEPI
Congresso Norte Nordeste de Pesquisa e Inovação
PALMAS . TOCANTINS . 2012
19 a 21 de outubro - Ciência, tecnologia e inovação: ações sustentáveis para o desenvolvimento regional